

PROGRAMA DA CHAPA APOLOGIA DA HISTÓRIA CAHIS 2015

QUEM SOMOS NÓS?

Somos estudantes do curso de História, e assim como a grande maioria, muitos e muitas de nós trabalhamos e procuramos encontrar tempo para estudarmos, lidarmos com nossas ansiedades e preocupações com relação ao nosso futuro profissional, acadêmico e ao mesmo tempo, procuramos disponibilidade para ir a festas, conversar com os colegas no morrinho e nas mesinhas e em comum, temos o profundo anseio de tentar mudar pelo menos em algum aspecto a estrutura - muitas vezes - sectária do movimento estudantil. Não somos seres iluminados, dotados de profícuos conhecimentos teóricos e muito menos dominamos a práxis, temos nossas incertezas e medos, porém estamos empenhados em defender que o Centro Acadêmico de História - Luiz Eduardo Merlino deva ser construído como um espaço que abarque e reconheça a diversidade de todos e todas as estudantes.

Criada a partir do anseio de ampliação dos canais de participação de estudantes do curso de História nos rumos de sua graduação, a chapa Apologia da História entende que é necessária uma alteração no cenário restrito do movimento estudantil a fim de enriquecer o debate e, assim, estruturar soluções possíveis para os distintos problemas enfrentados por todos e todas nós - estudantes do curso. Em seis meses de gestão, foram muitos os desafios enfrentados por nós da chapa Apologia da História, que somos da atual gestão do CAHIS. Nossa gestão, embora de certo modo limitada, obteve êxitos ao ampliar o contato entre o Centro Acadêmico e calouras e calouros, veteranas e veteranos com a realização de debates, reuniões, organização da doação de textos e da sala do CAHIS, transparência na prestação de contas, diálogo com outras entidades, entre outras ações que deverão ser ampliadas e intensificadas de modo a contemplar o maior número de vozes possíveis.

Marc Bloch, em um dos pontos de sua obra “Apologia da História”, discorre acerca da necessidade e importância da explanação das testemunhas - independentemente de falhas e omissões - para uma interpretação mais apurada dos fatos históricos. Também acreditamos que a expressão de ideias e de pensamentos de estudantes são fundamentais para a construção de um debate e de um espaço mais amplo, em que todos e todas sintam-se acolhidos e representados!

Ademais, assim como Bloch sugere partir de um problema do presente para compreensão do passado, devemos primeiramente nos indagar o porquê do baixo nível de participação dos estudantes nas atividades do Centro Acadêmico. Uma rápida análise nos leva a crer que tais baixos índices de participação não são resultantes de desinteresse ou comprometimento por parte dos alunos e alunas com os rumos políticos de sua graduação, mas cremos que há uma percepção de que as atuais formas de representatividade estudantil infelizmente não são capazes de representar os estudantes em sua pluralidade.

Pensamos que esta é uma das questões prioritárias a ser colocada em pauta: a maior participação e mobilização estudantil. Acreditamos que as formas de interação e diálogo que propomos podem trazer de volta as/os estudantes aos espaços estudantis, oxigenando com novas ideias, debates e vida.

CONJUNTURA GERAL DA USP

Após vinte anos de governos do PSDB a frente do governo do Estado de São Paulo, a situação da USP é alarmante: sem haver aumento do investimento na educação pública a Universidade passa por um processo intenso de sucateamento. Na última década o repasse de verbas do governo estadual às Universidades manteve-se congelado nos 9,57% do ICMS quota-parte do Estado, ao

mesmo tempo, segundo o Fórum das Seis (espaço que congrega entidades representativas de estudantes, professores e funcionários da USP, UNESP e UNICAMP) desse montante foram deixados de ser repassados às Universidades cerca de R\$ 1,776 bilhões de reais nos últimos seis anos. Como consequência disso bolsas de permanência e pesquisa são cortadas, não há contratação de novos professores e a terceirização passa a proliferar na Universidade em detrimento do funcionalismo público.

Essa situação, no entanto, não se trata de um mero acaso ou de um simples problema de gestão dos recursos públicos, trata-se, por outro lado, de uma concepção de Universidade sendo posta em prática. O projeto tucano de educação visa a privatização da USP e, para atingir esse objetivo, primeiro torna-se necessário o sucateamento do espaço universitário, a fim de que o discurso de falência da gestão estatal possa ter verossimilhança com a realidade e a realização de medidas como a instituição de mensalidades passem a ter porta-vozes na sociedade, atualmente quem cumpre esse papel, inclusive, são os oligopólios midiáticos.

Em resposta a esse projeto de privatização da Universidade, funcionários, professores e estudantes mobilizaram-se em torno de uma greve que durou quatro meses nesse ano. A palavra de ordem de funcionários e professores eram diretas: Não ao arrocho! Ao movimento estudantil da USP coube papel secundário nesse processo de lutas, tanto devido a ausência de uma direção do Diretório Central dos Estudantes (DCE) capaz de aglutinar e dialogar com os diversos setores do movimento em torno de bandeiras capazes de unificar as diversas correntes, quanto pelo vanguardismo individualista presente nas assembleias de curso que afastam o/a estudante desorganizado/a dos espaços de participação política e agem impedindo a construção de uma pauta específica para o curso, passo importante, na nossa opinião, para construir uma mobilização efetiva.

Por esse motivo acreditamos que é necessário que o movimento estudantil na USP deve realizar uma profunda reflexão sobre suas práticas e métodos. Não apresentaremos em nosso programa a resposta pronta e fechada para todos os problemas enfrentados atualmente, isso seria ignorar a necessidade de autocrítica. Apresentamos, no entanto, que não podemos mais ser um movimento estudantil que fala apenas para aqueles/as que já são organizados/as, não podemos mais dispor de espaços horizontais de construção que não são atrativos para a maioria dos/as estudantes por falta de maturidade das correntes políticas que não visam a construção de unidade para as pauta que são consenso entre nós. Por isso, nesse momento de intenso ataque ao caráter público da USP pensamos que a única saída é reinventar o ME, reinventando nossas práticas: precisamos amanhecer nossos pensamentos!

CAHIS E CONCEPÇÃO DE CENTRO ACADÊMICO

O Centro Acadêmico de História Luiz Eduardo Merlino é um espaço de todas/os as/os estudantes de história no qual as/os estudantes trazem suas ideias e demandas, estabelecem debates, se mobilizam, organizam atividades diversas e procuram soluções para os problemas que as/os alunas/os de história enfrentam. Trata-se de um espaço estudantil do qual todas e todos as/os estudantes devem poder se apropriar e, para isso, é necessário que o Centro Acadêmico exista cotidianamente, não somente nas assembleias, porque nós, da chapa Apologia da História, acreditamos que o CAHIS só estará cumprindo seu papel se representar todo o corpo estudantil e abrir espaços para participação e atuação das/os estudantes. Dizer que o CAHIS é de todas e todos estudantes de História significa que o centro acadêmico deve estar de portas abertas para ouvir e garantir espaço para todas e todos, sendo ativo no diálogo, inclusive com aquelas/es que não costumam participar das assembleias e/ou reuniões ordinárias.

Um centro acadêmico isolado em torno de um pequeno grupo iluminado que fala apenas para si mesmo não torna o CAHIS um espaço aberto e convidativo aos estudantes de História. Vale dizer

que mesmo que a gestão tenha seus posicionamentos políticos, a entidade deve manter sua autonomia e, para tanto, o CAHIS deve ser aberto a todas as opiniões e posicionamentos, porque a liberdade de expressão e o direito à voz são essenciais na construção de um centro acadêmico democrático e representativo. Ou seja, para nós, há uma diferença muito clara entre o que é a gestão e o que é a entidade.

Nós, da chapa Apologia da História, acreditamos, portanto, que o CAHIS deve estar presente no cotidiano das/dos estudantes de história e que seja esse um espaço que alunas e alunos sintam que façam parte e possam contribuir. Também acreditamos que o CAHIS deve estar sempre em contato com outros centros acadêmicos da USP, com as entidades estudantis do Espaço Aquário e com outros espaços de debate estudantil. Precisamos retomar especialmente a disposição em dialogar com entidades como a Atlética da FFLCH, a Bateria Manda Chuva e outras que não compõem o quadro tradicional do movimento estudantil. O CAHIS precisa também organizar festas e cervejadas, pois diversão e sociabilidade fazem parte do que deve ser um centro acadêmico. E com a participação das/os estudantes de História e o diálogo com outros espaços estudantis, temos a intenção de fortalecer o movimento estudantil que atualmente vemos que se encontra esvaziado. Em suma, precisamos revigorar o CAHIS e o movimento estudantil!

POR UM CAHIS QUE EXISTA COTIDIANAMENTE!

Para isso, acreditamos que existem algumas iniciativas concretas que já iniciamos a desenvolver nesse último período como gestão e outras que ainda precisamos dar mais atenção. Precisamos fazer com que tenhamos comissões temáticas no CAHIS que funcionem efetivamente para além das reuniões ordinárias, como uma comissão de cultura, de comunicação, de atividades acadêmicas e todas mais em que existam estudantes interessadas/os. Além disso, iniciativas como o Grupo de Trabalho sobre Permanência Estudantil que atualmente existe em nosso curso devem ser estimuladas pelo CAHIS.

Outra questão fundamental é a transparência nas contas do CAHIS. É preciso um esforço constante para explicar publicamente como funcionam as contas do CAHIS, de onde vem o dinheiro da entidade, para onde vai, pois os recursos do CAHIS são um patrimônio de todas e todos nós, estudantes de História, e devem ser tratados com responsabilidade. Como gestão, fizemos prestações de contas transparentes e bem divulgadas, o que não acontecia no CAHIS há muito tempo. É preciso também que tenhamos um maior controle sobre os bens do CAHIS, tendo em vista que é comum o desaparecimento de diversos materiais de nossa sala, o que prejudica diretamente o desenvolvimento de nossas atividades.

A respeito da sala do CAHIS, acreditamos que ela precisa se tornar uma referência para as/os estudantes de História, seja como espaço de debate político e de organização, mas também como um espaço de sociabilidade e convivência. A sala do CAHIS é um espaço dos estudantes de História e como tal precisa estar aberta para que as/os estudantes a utilizem, criem laços e deem significados e sentido para o que ela deve ser. No último período, conseguimos manter a sala do CAHIS mais aberta e organizada, mas sabemos que ainda é preciso muito mais. Precisamos organizar, por exemplo, a venda de cerveja na sala do CAHIS e mantê-la aberta o máximo de períodos possíveis, pois assim também será possível que as/os estudantes tenham mais contato com a entidade.

Para nós da chapa Apologia da História, além de tudo isso, acreditamos que o centro acadêmico não deve promover apenas reuniões ordinárias e assembleias. Sabemos da importância desses espaços e precisamos fortalecê-los, torná-los mais democráticos e com ampla participação; entretanto, não acreditamos que eles se encerrem em si mesmos. O CAHIS deve organizar e estimular também outras formas de interação, como debates acadêmicos, atividades culturais e outras formas de

debate político, como rodas de conversa. O centro acadêmico deve ser um meio de estímulo para nossa formação como historiadoras/es e educadoras/es em seus mais diversos aspectos.

Nesse sentido, temos como prioridade a criação de um jornal aberto para estudantes, funcionários e professoras/es divulgarem textos, imagens e produções variadas. Este seria um canal importante para promover a livre expressão de ideias e debates no curso e também como forma do centro acadêmico manter um contato direto com as/os estudantes. Outra medida é a criação de uma ouvidoria do CAHIS em que as/os estudantes possam expressar suas dúvidas, questionamentos e críticas e também fazer sugestões e propostas para o CAHIS. Além disso, precisamos dinamizar mais nossos meios de comunicação na internet e nas redes sociais. Já fizemos uma reformulação da página do CAHIS no Facebook propondo um logo para nossa entidade. Agora, precisamos fazer com que o CAHIS tenha um blog aberto em que possamos divulgar conteúdos maiores, textos, poemas, imagens etc.

Por fim, consideramos que precisamos hoje de um amplo espaço de diálogo e reflexão a respeito do que tem sido nosso centro acadêmico e o que queremos que ele seja enquanto estudantes de História. No ano que vem está prevista a realização do Congresso de Estudantes de História da USP e pretendemos fazer com que esse espaço se torne um momento de avaliação e fortalecimento da nossa entidade. É evidente que hoje existe um descontentamento muito grande por parte das/os estudantes em relação às suas entidades de representação e também ao movimento estudantil como um todo e isso inclui o CAHIS. Assim, queremos construir um Congresso de estudantes de História da USP preparado com bastante antecedência, proporcionando acúmulos de debates e uma grande mobilização no curso para que possamos contribuir para revigorar nosso centro acadêmico.

SOBRE A HISTÓRIA

Hoje, um dos grandes problemas do movimento estudantil da USP e de suas entidades é a incapacidade — e muitas vezes até falta de disposição — de discutir acerca das questões cotidianas que vivenciamos na universidade. Nós, da chapa Apologia da História, acreditamos que o CAHIS deve priorizar e promover mais espaços de discussão e diálogo com as/os estudantes do curso a respeito desses temas específicos que nos atingem como estudantes de História e agir efetivamente para buscar soluções e conquistas.

Já há muitos anos discute-se no nosso curso a necessidade de uma reforma curricular. Acreditamos que este é um debate importante para desenvolvermos nos próximos tempos como estudantes, para que possamos repensar o porquê estudamos certos conteúdos e outros não estudamos ou estudamos pouco (como História da África, História Indígena, história oral etc), a relação entre disciplinas obrigatórias e optativas, como incluirmos a extensão em nossa formação, nossa formação como pesquisadoras/es e professoras/es etc.

Para que possamos ter um maior acúmulo nas discussões a respeito dessa reforma, nós da chapa Apologia da História propomos que seja realizada uma Semana de História, em conjunto com os demais setores do Departamento de História. A construção dessa semana de debates será fundamental como momento de reflexão e criação de possibilidades de avanços nas mudanças que queremos para nosso curso.

Diretamente relacionado também ao nosso curso e às condições de estudo está o problema da contratação de professores. Nos próximos dois anos existe a previsão de que dez professoras/es do Departamento de História se aposentem. Junto a isso, enfrentamos um cenário em que todos os processos de novas contratações estão suspensos pela reitoria. Ou seja, é preciso que o CAHIS aumente os espaços de discussão a respeito e reivindique a retomada da contratação de professoras/es, pois, do contrário, veremos se agravar o problema da superlotação das turmas e

menor disponibilidade de horários para as diferentes matérias.

Um tema que precisa ser destacado são os problemas que envolvem especificamente o período noturno. No período noturno, em grande parte, estudam aquelas/es que trabalham nos outros períodos do dia e vão assistir aulas após seu período de trabalho. É recorrente que no período noturno as salas sejam mais lotadas e que o próprio tempo das aulas seja mais restrito.

É prioridade para nós também o debate acerca das políticas de permanência estudantil na universidade. Sabemos que muitas/os estudantes do nosso curso têm dificuldades para se manter estudando, tendo que manter jornadas de trabalho junto com o período de estudo. O CAHIS deve atuar para que se torne uma referência para as/os estudantes de História e auxilie e dê respaldo para as/os estudantes na relação com a burocracia da universidade para obtenção das bolsas e demais políticas de permanência estudantil.

Sabemos também que os altos preços da cantina do prédio da História geram dificuldades enormes para estudantes que muitas vezes não tem tempo sequer para se alimentar no bandeirão. Outro problema é a sala pró-aluno, que em grande parte do tempo não dispõe de impressão para as/os estudantes. Acreditamos que o centro acadêmico deve abrir um debate no Departamento de História para que aconteça uma regulação dos preços da cantina e pressionar a direção da faculdade para manter a pró-aluno em boas condições. A luta por mais e melhores políticas de permanência estudantil para todas/os que precisam na universidade deve ser prioridade.

Outro aspecto que reflete diretamente no desenvolvimento das nossas atividades como estudantes são as condições do Prédio de História e Geografia. Podemos começar pelas salas de aula que não têm estruturas adequadas de ventilação. Além disso, temos poucos espaços no prédio com estrutura para estudos apesar de haverem muitos espaços ainda inutilizados, como os corredores próximos aos laboratórios. Podemos citar também os banheiros em que faltam os assentos dos vasos sanitários e trancas nas portas. Como gestão, encaminhamos diversos ofícios para o Departamento de História para que algumas dessas questões fossem resolvidas, entretanto, ainda não tivemos respostas concretas da administração da faculdade. A Comissão de Espaço e Qualidade de Vida do Prédio de História e Geografia precisa voltar a funcionar e o CAHIS precisa acompanhar e pressionar mais de perto os órgãos da faculdade para reivindicar as melhorias que precisamos.

Em todos esses debates, acreditamos que, como estudantes, nós não podemos nos isolar e nos negar a dialogar também com as/os funcionárias/os e professoras/es do Departamento de História. O CAHIS deve estimular as discussões entre as/os estudantes e buscar ativamente dialogar com os demais setores do departamento levando nossos posicionamentos, demandas e necessidades para que, assim, tenhamos conquistas concretas.

O CAHIS precisa estar sempre atento e aberto para esse tipo de questão, pois sua própria existência só tem sentido se o centro acadêmico está ligado diretamente à realidade das/os estudantes. Dar importância para as discussões que nos dizem respeito cotidianamente é um aspecto fundamental para darmos mais vida ao CAHIS e ao movimento estudantil, abrindo espaço para que as/os estudantes de História possam participar do Centro Acadêmico. É assim, conversando e construindo com as/os estudantes, que poderemos fazer um movimento estudantil real e mobilizado.

MULHERES

Entendemos que é fundamental um CA que esteja inserido na luta contra as opressões de gênero. À luz dos recentes acontecimentos, como o caso da perseguição sofrida por uma aluna de nosso prédio por parte de um aluno não identificado e as agressões ocorridas em festas realizadas na FFLCH, acreditamos ser necessário estreitar os vínculos com o Departamento de História e com os coletivos

feministas, como forma de dar maior respaldo e apoio às vítimas; dessa maneira, nossa chapa tem três propostas centrais: 1) Criar uma ouvidoria para casos de violência, para acompanhamento e prevenção; 2) Realizar uma pesquisa com as alunas do curso para saber se estas já sofreram algum tipo de violência na USP e, a partir desses dados, sugerir para a Chefia e Direção da faculdade melhorias que visem maior segurança para as estudantes. 3) Endossar a luta contra o machismo chamando atividades sobre tal assunto, como debates, palestras e exposições artísticas, de modo a discutir a opressão de gênero e meios de barrá-la, assim como dar apoio às mulheres vítimas desta violência endêmica em nossa sociedade.

NEGRAS E NEGROS

No ano de 2013, segundo dados da FUVEST, apenas 2,4% dos estudantes matriculados na USP eram negros/as, uma disparidade tremenda em relação ao percentual da população negra do Estado de São Paulo que, segundo o IBGE, é de 34,6% em relação ao total da população, daí podemos perceber a presença do racismo institucional na nossa Universidade. Essa situação se deve ao modelo elitista e conservador de acesso à Universidade ainda vigente na USP, com um vestibular extremamente tecnicista e desgastante, combinado com a ausência de políticas afirmativas de inclusão. Por esse motivo a chapa Apologia da História se coloca contra esse modelo excludente de acesso à USP e defende a implementação de um programa de acesso por cotas, conforme também é defendido historicamente pelo Núcleo de Consciência Negra da Universidade.

LGBTT*

A luta pelos direitos dos LGBTT* fará parte dos debates e proposições concretas do Centro Acadêmico da História. Aproximá-los dos espaços de vivência para que questões do movimento ganhem espaço é essencial, visto que ainda não existe um coletivo LGBTT ativo formado na História (a única informação conhecida é que existiu o coletivo PRISMA por um registro encontrado nos arquivos do CAHIS).

Devemos que ter cuidado para não naturalizar a ideia de que o nosso ambiente é livre de preconceitos, principalmente contra transexuais e bissexuais que dentro do próprio curso não possuem tanta visibilidade, e devemos deixar claro que ainda existem problemas a ser discutidos e trabalhados para tornar o espaço estudantil realmente seguro para todos e todas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. As discriminações e abusos podem partir tanto de estudantes como de professores e temos que criar um espaço que permita que as pautas LGBTTs entrem para as pesquisas do nosso meio acadêmico para que historicidade do movimento enquanto grupo possa ser apropriada.

NOSSAS PROPOSTAS

CAHIS

- Manter a sala do CAHIS sempre aberta e organizada;
- Organizar cervejadas, festas e atividades culturais diversas;
- Participar do Fórum do Espaço Aquário e dialogar com as outras entidades do espaço;
- Dialogar com as diversas entidades existentes na universidade, estudantis ou não (centros acadêmicos, atléticas, coletivos de luta contra opressões, grupos extensionistas, PETs etc);
- Organizar as comissões temáticas através do CAHIS (cultura, atividades acadêmicas, espaço etc);
- Estimular e apoiar a organização de coletivos contra as opressões (negras e negros, feministas, LGBTs etc) e também Grupos de Trabalho temáticos;
- Transparência e ampliação da divulgação da prestação de contas, continuando o trabalho da

gestão anterior;

- Organizar um jornal aberto para estudantes, professoras/es e funcionárias/os;
- Organizar uma ouvidoria para o CAHIS;
- Estabelecer fóruns diversos de debates (rodas de conversa, mesas de discussão, fóruns do DH etc);
- Dinamizar a comunicação via redes sociais e o blog do CAHIS;
- Organizar o Congresso de estudantes de História no ano que vem de maneira ampla, democrática e com antecedência;

CURSO

- Promover debates sobre reforma curricular;
- Organizar uma Semana da História junto ao Departamento de História (DH);
- Pressionar pela retomada da contratação de professoras/es;
- Discutir com o DH e a cantina sobre a regulação dos preços;
- Auxiliar e dar respaldo para estudantes que precisam de políticas de permanência estudantil na relação com a universidade;
- Buscar melhorias para o Prédio de História e Geografia (mais espaços para estudo, melhores condições para salas de aula, banheiros e espaços de convivência);
- Diálogo constante com professoras/es, funcionárias/es e com o Departamento de História;

QUESTÕES SOCIAIS

- Apoiar e debater a democratização da universidade como um todo, pautando em na discussão a abertura dos espaços e realização de atividades para a comunidade.
- Apoio ao projeto de cotas defendido pelo Núcleo de Consciência Negra, a chapa comprometendo-se a realizar atividades pró-cotas e participar ativamente das manifestações e reivindicações do Movimento Negro;
- Combater ativamente qualquer tipo de discriminação, seja ela de gênero, racial, orientação sexual.
- Incentivar a retomada de um coletivo LGBTT pelas/os estudantes de nosso curso, para que possam propor e realizar atividades visando seu empoderamento e emancipação das opressões do cotidiano.
- Reivindicar maior segurança para as mulheres estudantes de nosso curso e de nosso prédio, continuando os fóruns com o Departamento de História para mudar o cenário atual de insegurança para as mulheres. Apoiar e ampliar o diálogo com coletivos feministas que representem as estudantes de nosso curso.
- Lutar por mais moradia estudantil para a Universidade de São Paulo, visando o benefício de todas e todos estudantes, com a devolução dos blocos K e L para quem eles realmente pertencem.
- Lutar contra o projeto de privatização de nossa Universidade, esta que vem sendo feita através de diversas ações dos sucessivos reitores que a USP teve nos últimos anos. Não permitir o aparelhamento da Universidade para o lucro e impedir o projeto neoliberal que quer ser instaurado, este que impede um tratamento digno aos funcionários da USP, que favorece a terceirização e a exploração dos trabalhadores terceirizados, a falta de contratação de professores (questão que nos afeta diretamente como estudantes), direcionamento das pesquisas para um viés que corresponde aos interesses do mercado, entre vários outros problemas a serem debatidos no cotidiano dos estudantes.

MEMBROS

Carolina Bueno (3º ano); Giovanna Colacioppo (3º ano); Gisele Tronquini (3º ano); João Capusso (1º ano); João Luís Lemos (3º ano); Laíza Santana (3º ano); Leonardo Cunha (2º ano); Patrícia Petreca (1º ano); Rafael Costa (1º ano); Thais Fialho Gomes (1º ano); Theo Monteiro (3º ano); Thiago Kenji (1º ano).

“O historiador não é, é cada vez menos, esse juiz um pouco rabugento cuja imagem desabonadora, se não tomarmos cuidado, é facilmente imposta por certos manuais introdutórios. Não se tornou, certamente, crédulo. Sabe que suas testemunhas podem se enganar ou mentir. Mas, antes de tudo, preocupa-se em fazê-las falar, para compreendê-las.”